

# movi men tos

**Antonio Carlos Castrogiovanni**

**Ivaine Maria Tonini**

**Nestor Andre Kaercher**

**Roselane Zordan Costella**

**Organizadores**

**para ensinar geografia - deslocamentos**

C&A Alfa  
  
Comunicação

VOLUME

**VI**



**C&A ALFA  
COMUNICAÇÃO**

***Presidente***

Luiz Carlos Ribeiro

***Revisão geral***

Paulo Maretti

***Capa***

Simone Rocha da Conceição

Os créditos da capa dos volumes IV e V, equivocadamente identificados,  
são de autoria de Simone Rocha da Conceição

***Projeto gráfico***

Adriana da Costa Almeida

***Conselho Editorial***

Andréa Coelho Lastória (USP/Ribeirão Preto)

Carla Cristina Reinaldo Gimenes de Sena (UNESP/Ourinhos)

Carolina Machado Rocha Busch Pereira (UFT)

Denis Richter (UFG)

Eguimar Felício Chaveiro (UFG)

Lana de Souza Cavalcanti (UFG)

Loçandra Borges de Moraes (UEG/Anápolis)

Míriam Aparecida Bueno (UFG)

Vanilton Camilo de Souza (UFG)

# movi men tos

**Antonio Carlos Castrogiovanni**

**Ivaine Maria Tonini**

**Nestor André Kaercher**

**Roselane Zordan Costella**

**Organizadores**

**para ensinar geografia - deslocamentos**



GOIÂNIA, GO | 2021

© Autoras e autores – 2021

**Organizadores**

Antonio Carlos Castrogiovanni

Ivaine Maria Tonini

Nestor André Kaercher

Roselane Zordan Costella

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei n. 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto n. 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),  
Catalogação na Fonte

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte (CIP)  
(Filipe Reis – CRB 1/3388)

---

M935 Movimentos para ensinar geografia – deslocamentos / Antonio Carlos Castrogiovanni ... [et al.] (Org.). – Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2021.  
208 p. : il. – (Movimentos, v. VI).

Organizadores: Antonio Carlos Castrogiovanni, Ivaine Maria Tonini, Nestor André Kaercher, Roselane Zordan Costella.

ISBN: 978-65-89324-18-8 (papel)

ISBN: 978-65-89324-17-1 (e-book)

1. Geografia - Ensino. 2. Geografia escolar. 3. Aprendizagem de Geografia. 4. Representações sociais do espaço. 5. Imagens no ensino de geografia. I. Castrogiovanni, Antonio Carlos. II. Série.

CDU: 37::91

---



---

# 4

## **Entendendo a importância da fotografia no ensino de Geografia por meio de questionários com autores e pesquisadores do Livro Didático de Geografia (LDG)**

**Understanding the importance of photography in teaching Geography through questionnaire with authors and researchers from the Geography Didactic Book (GDB)**

***Alcimar Paulo Freisleben;  
Nestor André Kaercher***

### **Resumo**

Este capítulo faz parte da tese de doutorado – defendida no ano de 2018 no Posgea-Ufrgs, sob a orientação do professor Dr. Nestor André Kaercher – e busca refletir sobre a importância das fotografias dos livros didáticos de Geografia (LDGs) no aprendizado dos alunos e no papel que este instrumento tão utilizado teve (e ainda tem), no processo educacional. A metodologia utilizada neste capítulo baseou-se em revisão bibliográfica em artigos, livros, dissertações, teses e documentos oficiais referentes ao PNLD de vários anos. Também incluiu-se como procedimento metodológico a aplicação de questionários enviados a 10 professores autores e ou pesquisadores do LDG (sete autores e três pareceristas de LDG). Dentre as proposições baseadas nestas referências está a possibilidade de identificar os significados das fotografias (dos LDGs) e o papel didático/pedagógico dessas fotografias no ensino de Geografia. Assim, acreditamos que as fotografias do LDG são um importante recurso para o professor na construção dos conceitos geográficos, possibilitando aos alunos serem atores da transformação social na escola e no espaço geográfico de suas cidades. Ao adotar a linguagem fotográfica, o professor de Geografia estará contribuindo para a construção de aprendizagens mais significativas, e estas, aliadas aos conceitos geográficos, trarão maior sentido a sua prática

---

docente. Portanto, é imprescindível que o professor de Geografia aproxime o aluno de abordagens didáticas que utilizem fotografias (como as do LDG), para que a curiosidade e a reflexão possam se manifestar e gradativamente se transformar em conhecimento geográfico.

**Palavras-chave:** Fotografia. Livro Didático. Espaço Urbano. Ensino de Geografia.

### Abstract

This chapter is part of the doctoral thesis – defended in 2018 at POSGEA-UFRGS, under the guidance of teacher Nestor André Kaercher (PhD) – and seeks to reflect on the importance of photographs from Geography didactic book (GDB) in learning students and the role that this widely used instrument had (and still has) in the educational process. The methodology used in this chapter was based on a bibliographic review of articles, books, dissertations, theses and official documents related to the PNLD of many years. Also included as a methodological procedure is an application of questionnaires sent to 10 GDB teacher authors and researchers (7 authors and 3 GDB reviewers). Among the propositions based on the references, there is the possibility of identifying the meanings of the photographs (of the GDB's) and the didactic/pedagogical role of these photographs in the teaching of Geography. Thus, we believe that GDB photographs are an important resource for the teacher in the construction of geographical concepts, enabling students to be actors of social transformation at school and in the geographical space of their cities. When adopting the photographic language, the Geography teacher should contribute to the construction of more relevant learning and these, combined with geographical concepts, will bring a greater meaning to his teaching practice. Therefore, it is essential that the Geography teacher brings the student closer to didactic approaches that use photographs (how as the GDB), so that curiosity and reflection are manifested and gradually become geographic knowledge.

**Keywords:** Photography. Didactic Book. Urban Space. Geography Teaching.

**A**creditamos que o estudo do livro didático (LD) não pode ser feito de forma isolada, desprovido de seu contexto histórico, cultural e social e que, apesar de o LD ser alvo de críticas e lembrado como mais um recurso disponível ao professor, ele tem papel relevante na sala de aula, em diferentes áreas de conhecimento, em diferentes tempos e espaços, em escolas privadas e públicas.

Decorre desse contexto “a preocupação em aprofundar o olhar sobre ele, potencializando sua utilização para torná-lo um artefato de efetiva

aprendizagem, com vista à sua qualificação” (TONINI e GOULART, 2017, p. 259). Procurando uma compreensão maior, pertinente às questões do LD e das fotografias que compõem suas páginas, buscamos o auxílio de autores que vêm utilizando e pesquisando esta importante temática.

No campo da Educação, desde Comenius (1658), as imagens já apareciam como tendo potencial educativo. Nos dias atuais, elas não aparecem mais apenas como partícipes da criatividade, mas também tendo uma dimensão pedagógica, uma potência subjetivadora e questionadora.

As imagens fotográficas se apresentam como algo que precisa ser compreendido. Esse “alfabetismo visual” quer dizer que somos mais influenciados pelo mundo imagético que nos cerca, pelas subjetividades e pelas possibilidades de interlocução do conhecimento, do que pelas leituras ou pelo que ouvimos cotidianamente.

Seguindo esta linha de pensamento, Veiga-Neto nos provoca: “Somos analfabetos para a leitura das imagens, [...] valorizamos apenas um segmento do conhecimento: aquele que vem da palavra oral ou, mais ainda, escrita” (1999, p. 125).

Portanto, poderíamos afirmar que só somos alfabetizados parcialmente. Na escola, aprendemos a ler e decifrar basicamente só textos. Para Bondía (2002), a falta de motivação dos jovens advém sobretudo porque a escola mantém procedimentos de ensino e aprendizagem em relação com os textos, que seriam menos atrativos aos alunos em relação às imagens do mundo pós-alfabético.

As fotografias são representações que nós professores ainda não compreendemos muito bem, apesar de vivermos em um mundo onde elas estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Hoje, vivemos em uma era de informações associadas diretamente às imagens. Saber interpretar os signos visuais tornou-se uma necessidade aos profissionais do ensino. E por isso o estudo associado às imagens se tornou um importante instrumento do professor para efetuar seu trabalho, tanto em pesquisas como no dia a dia em sala de aula.

Contudo, antes de somente utilizar a imagem como simples ilustração ou um apêndice de suas aulas, seria importante para o professor compreender a imagem dentro de alguns parâmetros teóricos. Pensar nela como parte integrante de um universo visual que pode ser de origem diversa, tais como cinema, história em quadrinhos, charges, artes plásticas e a fotografia.

Num exercício de crítica, reflexão e confronto com fotografias dos livros didáticos de Geografia (LDGs): antigas e recentes, do espaço urbano bem localizado, rico e com boa infraestrutura e daquele distante, pobre e com muita precariedade de equipamentos e serviços públicos, Benjamin nos dá suporte por meio do conceito de imagem dialética, no qual o embate entre o distante

e o próximo são as tensões e oscilações de presença e ausência, numa espécie de jogo dialético visual.

Para Benjamin (2006), somente as imagens dialéticas podem ser consideradas imagens críticas e autênticas, pois obrigam as pessoas a olharem-nas verdadeiramente, fazendo delas uma potência de reflexão e criticidade.

Assim, o dinamismo inquietante das imagens fotográficas nunca se impôs com tanta força como em nosso mundo contemporâneo. Mas entendê-las e analisá-las é um trabalho que requer certo conhecimento. Mesmo as fotografias dos LDs são um desafio para nós professores, por isso torna-se fundamental a pesquisa mais aprofundada sobre elas.

A análise e a interpretação de fotografias é um procedimento que gradativamente vem sendo mais explorado no cotidiano da sala de aula. Este trabalho busca mostrar a importância de o educador investir na capacitação para a prática da leitura crítica das fotografias que se apresentam no LDG, de modo mais sistemático e significativo.

Para Tonini (2003, p. 35), “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando ao mesmo tempo a forma como elas são construídas e o modo como operam na construção do conhecimento geográfico”. Referente à Geografia, essa leitura das imagens e da realidade que nos cerca é fundamental enquanto prática de ensino, pois a fotografia permite uma compreensão mais ampla dos fenômenos que ocorrem no espaço urbano.

Mas apesar de termos LDGs cada vez melhores com fotografias de boa qualidade, o professor de Geografia tem dificuldade em utilizar todo o potencial didático dessas fotografias em suas aulas. Isso nos leva a algumas perguntas norteadoras:

– Como as fotografias do LDG podem ajudar os professores nas aulas de Geografia?

– Como as fotografias do LDG podem auxiliar na construção do conhecimento geográfico dos alunos?

Considerando o importante papel que o LD tem no processo educacional, este trabalho busca fornecer subsídios para discussão do LDG e das fotografias do espaço urbano brasileiro que o ilustram, para qualificar o ensino de Geografia.

A metodologia utilizada na pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica nas seguintes fontes: artigos publicados em periódicos, livros, dissertações e teses de pesquisadores dedicados a essa temática, anais de conferências, documentos oficiais referentes ao PNLN de vários anos, LDGs do Ensino Fundamental e Médio de meados de 1930 até os do PNLN 2017 (totalizando 39 livros). Também incluiu-se como procedimento metodológico a aplicação de questionários enviados por *e-mail* a dez professores (sete autores e



três pareceristas de LDG) – que iremos aprofundar neste capítulo. Dentre as proposições baseadas nestas referências está a possibilidade de identificar os significados das fotografias (dos LDs) e o papel didático/pedagógico destas fotografias no ensino de Geografia.

## **Entendendo a fotografia por meio de questionários com pesquisadores e autores do LDG**

Neste trabalho, buscaremos entender como um LDG utiliza a linguagem visual, para tornar o livro mais compreensível aos educandos. Para isso, preparamos um questionário sobre a importância dessas fotografias nos LDGs para os dez autores-pesquisadores do LDG: Castellar, Vlach, Sene, Martins, Tonini, Sampaio, Oliveira Jr., Medeiros, Francischett e Alves (pseudônimo).

Além do LD, o professor de Geografia tem disponível uma gama de recursos para utilizar em suas aulas, que incluem documentos, notícias da imprensa, músicas, publicidades e as imagens (vídeos/documentários e fotografias). Realizar práticas como tirar fotos ou fazer vídeos com um celular e publicá-los na internet pode parecer algo mecânico. No entanto, editar e produzir conteúdo exige conhecimento das principais linguagens atuais da mídia, “saber utilizar uma câmera, dominar a dinâmica dos textos na internet, com seus *links* para outros textos. Saber conjugar texto, áudio, imagem, animação e vídeo, além de ampliar os espaços de interação, potencializam outras formas de aprender” (TONINI, 2013, p. 53).

Assim, todos esses recursos baseados na linguagem visual estão cada vez mais presentes na vida dos alunos, no cotidiano escolar e nos LDGs, principalmente a fotografia, facilitando a compreensão dessa disciplina.

A confecção de um LD demanda pesquisa dos tópicos e várias etapas de revisão durante a sua elaboração. O autor de LD precisa abordar conteúdos que estão em constante renovação e transformação, e esses conteúdos precisam adaptar-se ao seu público-alvo principal, que são os alunos. Tal adequação deve levar em conta a faixa etária e o nível socioeconômico desses alunos. Isso implica em também adequar a linguagem e as fotografias/imagens usadas.

Para compreendermos como tais fotografias são utilizadas na composição dos LDGs, preparamos um questionário com perguntas que pudessem esclarecer melhor qual a importância dessas fotografias no LDG para professores, autores, pesquisadores e pareceristas do LDG. Iniciamos essa parte da pesquisa em janeiro e finalizamos em novembro de 2015, totalizando dez questionários respondidos. Todos os sujeitos são (ou foram) professores de Geografia, com experiência em praticamente todos os níveis de ensino (Fundamental, Médio e Superior). E no geral quase todos possuem em torno de 20 anos de docência, ou até mais.

O questionário focou aspectos que se referem ao uso das fotografias nos LDGs, buscando assim responder a algumas questões que nos intrigam e que não são facilmente elucidadas por livros ou textos acadêmicos. Exemplo: por que são escolhidas determinadas fotografias em detrimento de outras? Quem escolhe as fotografias que farão parte do LD? Essa escolha é do próprio autor ou é função do diagramador/*designer* gráfico? Quem são os autores dessas fotografias? São fotógrafos estrangeiros ou brasileiros? As fotografias são adquiridas de bancos de imagens? Qual o sentido e quais os significados dessas fotografias? Geralmente, as perguntas não fazem parte do cotidiano do professor/autor do LD, já que suas preocupações maiores são com o conteúdo (na forma de texto) dos LDs.

Conforme esclarece Haslam (2006), a maioria dos autores tem mais familiaridade com as palavras que com as explicações visuais, portanto tendem a ilustrar suas ideias por meio do texto, mesmo em casos em que essas ideias poderiam ser mais bem compreendidas por meio de imagens.

Se ainda não está muito claro para os professores, qual é a real função das fotografias nos LDGs (se é meramente ilustrativa ou se possui uma função didática), isso muitas vezes se deve ao fato de que as pesquisas sobre o LD são mais centradas em aspectos conceituais e ideológicos e onde o próprio autor procura focar mais no texto escrito do LD.

Assim, através das respostas dos questionários, algumas contradições foram aparecendo, hipóteses sobre a fotografia no LD foram sendo desmistificadas, outras foram ao encontro das teorias vigentes e também novas ideias foram surgindo.

Não focamos dados estatísticos, números e percentuais das respostas obtidas nos questionários (não queremos nos esconder por trás dos números), pois acreditamos que a diversidade de ideias e pontos de vista que foram se revelando nas entrevistas nos trazem um material rico, heterogêneo e complexo, sobretudo quando as opiniões divergem entre si, pois nos fazem refletir, nos mostrando que não existem verdades absolutas ou certezas definitivas sobre esse tema.

Preferimos optar pelo caminho do confronto de ideias entre os entrevistados, para enriquecer esse debate tão interessante e importante para o ensino de Geografia. Assim, ao longo das respostas, vamos pontuando algumas falas, usando outros autores para confirmar algo dito pelos professores e manifestando nossa opinião sobre o assunto.

Esses professores estão dentro de alguma(s) das três categorias: autores, pareceristas ou pesquisadores do LDG são provenientes de vários estados brasileiros (SP, PR, PB e RS) e com experiências em várias áreas da Geografia, atuando tanto em sala de aula (fazendo uso cotidiano do LDG), como na autoria, parecer ou pesquisa de LDGs.

A escolha desses sujeitos foi proposital, pois acreditamos que tal diversificação de culturas, opiniões e experiências traria maior riqueza à nossa pesquisa.

As perguntas do questionário enviado aos autores e especialistas do LDG foram estas:

- a) Você acredita que as fotografias no LDG facilitam o aprendizado do aluno?
- b) Como são escolhidas as fotografias do LDG? Existe algum critério para essa escolha? Quem escolhe quais fotos farão parte do livro? São de fotógrafos brasileiros ou estrangeiros?
- c) No seu entendimento, como as fotografias presentes no LDG poderiam ser mais eficientes para o aprendizado de Geografia?
- d) As fotografias no LDG são meras ilustrações, descansos visuais ou elas podem estimular uma leitura reflexiva ou questionamentos por parte do aluno? Se sim, como?

### **A importância das fotografias dos LDGs atuais no aprendizado**

Os professores que responderam a nosso questionário acreditam que as fotografias no LDG influenciam o conhecimento do aluno, e concordam que as fotografias nos LDGs atuais possuem um papel importante no aprendizado desses alunos. Para o professor Fernando Sampaio, “as imagens ilustram os textos do LDG, esclarecendo melhor o conteúdo escrito”. Segundo Belmiro (2000), as imagens no LD podem ter múltiplas funções na aprendizagem:

Em todos os diferentes usos e funções da ilustração nos livros didáticos, percebe-se que o eixo ilustração – texto – leitor não se constitui de forma simples, nem caminha na mesma direção. A suposição inicial de complementaridade nessa relação nem sempre é confirmada e, em muitos casos, a ilustração ultrapassa o texto, atrapalha o texto ou, mesmo, nada lhe acrescenta. Pior, continua como mero indicador de modernidade, sem lidar com as possibilidades de sensibilização para leituras de mundo (p. 23).

O *Guia do Livro Didático: Ensino Fundamental/Anos Finais do PNL* (2005), recomendava “o uso de estratégias de descanso visual, de pausa nas leituras”. Seriam as fotografias elementos de descanso visual?

Mapas, esquemas, fotografias etc., para Lima (2007), não devem ser compreendidos dessa forma se têm uma função didática, porém, como se observa, dentro da maioria das obras didáticas eles estão cumprindo apenas a função de dividir os textos, pois não são trabalhados ao longo do capítulo. Na verdade, as ilustrações são utilizadas para concentrar informações e facilitar a compreensão dos conteúdos trabalhados. Para a professora Ivaine Tonini,

as fotografias “não podem ser operadas apenas como um recurso ilustrativo, como geralmente acontece, e muito menos como descanso visual”.

Se as fotografias forem atrativas, logo capturam a atenção do aluno. Porém, muitas vezes as fotografias dos LDs não são notadas pelo leitor, não cumprem a função de acrescentar conhecimento, uma vez que estão soltas, desconectadas do texto. Cabe ao professor problematizá-las, dar um novo sentido a essas fotografias dos LDs.

As fotografias devem fazer a mediação entre aquilo que se quer dizer com palavras e aquilo que se “observa” a partir de um olhar sobre a realidade, na opinião da professora Dadá Martins. O professor Eustáquio de Sene também concorda com o grande potencial da fotografia do LDG no aprendizado, “*porque as fotos, para o bem e para o mal, são representações da realidade*”. É o que também acredita o professor Alvinho Alves, “em virtude de as fotografias ilustrarem conteúdos abordados no livro-texto”. E também a professora Mafalda Nesi Francischett, pois cada vez mais se percebe o grande potencial didático deste recurso multifacetado no ambiente escolar. Para ela, a fotografia “tem a capacidade de informar e comunicar seu conteúdo representativo”.

“As fotografias tanto potencializam mais rapidamente a informação como constituem modos de olhar o mundo através delas”, conforme a professora Ivaine Tonini, e por vivermos “em tempos que somos atravessados pela visibilidade dos acontecimentos durante 24 horas por dia, a escola precisa estabelecer conexões com o cotidiano do estudante”. Para isso, segundo a professora, as práticas pedagógicas devem fazer uso da fotografia, não como recurso didático apenas, mas também para “operar no registro de produção de conhecimentos, compreender a fotografia como um texto”. Para a professora Ivaine Tonini, a fotografia materializa uma espacialidade e oportuniza estabelecer inúmeras reflexões com o conteúdo a ser trabalhado na escola, e ainda

seduz e captura o olhar bem antes do texto escrito. Isto penso ser a grande sacada para o professor. Se olharmos rapidamente o livro didático, recurso presente em todas as escolas e em todos os países, ele está repleto de fotografias em quase todas as suas páginas. Então cabe ao professor fazer uso!

A fotografia tem o poder de sensibilizar o aluno para estudar e “compreender uma realidade que desconhece, ou porque pode perceber uma nova perspectiva para contemplar algo conhecido”, segundo a professora Vânia Vlach.

É importante também que o professor estabeleça outras relações entre texto e fotografia. Para a professora Sonia Castellar, “muitas vezes o aluno só terá acesso a fotografia de outro lugar por meio do LD”, já que em regiões remotas o acesso a internet ou outros materiais é mais difícil.

Mas os aprendizados realizados por meio das fotografias são muitos. Elas atuam tanto no aprendizado (exemplificação) dos conteúdos da Geografia, quanto no aprendizado da própria fotografia, ao dar a ela um sentido de prova da existência de algo que não está presente. Para o professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr., tendo em vista que se pode fazer o questionamento desse segundo aspecto do aprendizado, o primeiro aspecto também necessitaria ser problematizado, indicando, sobretudo, que o “conteúdo apre(ende)do é também ele configurado pelas fotografias (é “entendido” através delas)” e, portanto, “poderia ter outro ‘entendimento’ caso as fotos ‘enquadrassem’ o assunto de outra maneira ou fossem outras fotos”; além disso:

A fotografia é tomada como sendo a própria “realidade espacial” colocada diante do aluno, sem ao menos se questionar como ela foi tirada, se o fotógrafo, por exemplo, avisou que iria ali, se deixou as pessoas se prepararem; ou sem se questionar como ela foi parar no LD, se a editora, por outro exemplo, só dispunha de uma única foto com qualidade e preço possíveis para ser ali publicada acerca daquele conteúdo etc.

Sem essas e outras problematizações às imagens, o mais intenso aprendizado das fotografias dos LDs é a sensação de que o mundo – o espaço – “é transparente e pode ser capt(ur)ado utilizando somente a visualidade”, segundo o professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr.

Assim, a fotografia, quando problematizada, é um caminho para aprofundar o conhecimento dos alunos, para a realização de pesquisas, para a construção de uma ponte entre teoria e prática, para mobilizar atitudes de cidadania, de educação socioambiental etc. Porém, o uso da fotografia por si só não garante o sucesso do aprendizado, temos que atentar ao fato de que os objetivos didáticos sejam claros, previamente definidos e que estejam correlacionados com o texto (do LDG, ou de outro material). Se não for feita essa relação com o texto trabalhado no LDG, ela perde sua função didática.

A Geografia utiliza muitos recursos visuais para ajudar o aluno na construção do conhecimento (mapas, gráficos, desenhos, imagens de satélites e fotografias). Destes, a fotografia merece destaque, pois é o recurso com o qual o aluno está mais familiarizado, principalmente aquelas presentes nos LDGs, que acabam por influenciar de forma mais direta no aprendizado do aluno, principalmente quando utilizadas pelo professor como elemento provocador de debates e questionamentos de algum aspecto, fenômeno ou local que se queira destacar ou conhecer melhor.

## A escolha das fotografias do LDG, os critérios usados e suas procedências

As respostas dos professores no que se refere à escolha das fotografias do LDG, os critérios usados para essa escolha e se elas são de fotógrafos brasileiros, estrangeiros ou de bancos de imagens apontam que o autor pode sugerir as fotografias que farão parte do livro, mas existem restrições do PNL D para determinadas imagens. Sobre isso e sobre a procedência dessas fotografias, o professor Fernando Sampaio esclarece:

São escolhidas pelos autores do livro, que sugerem quais fotos irão em determinados locais. As imagens podem ser semelhantes àquelas sugeridas pelo autor. Cabe ao editor adquiri-las, geralmente em um banco de imagens. Existem determinadas imagens que o PNL D restringe, como fotos com nudez, ou que fazem apologia ao uso de armas, drogas ou bebidas alcoólicas e fotos que mostram crianças ou adolescentes em situações degradantes.

Para o professor Marlon Medeiros um critério importante é que “a foto primeiramente tem que proporcionar um impacto visual, despertar a curiosidade do aluno”. E completa:

Também deve ser clara, sintética, objetiva e acrescentar alguma informação relevante ao aluno. Quando o autor vai escrevendo o livro, ele simultaneamente vai deixando espaços para as imagens de referência, mas algumas podem não passar pelo crivo do editor. Quando aprovadas pelo autor e pelo editor elas são compradas nos bancos de imagens (Corbis e Fotosearch).

A fotografia é escolhida pela editora, a qual tem poucas agências de fornecimento. O autor apenas indica que temática a fotografia deve mostrar, segundo a professora Ivaine Tonini. Porém, como a temática é muito ampla, “a mesma fotografia é facilmente inscrita em LDs diferentes, com finalidades de abordagens teóricas que muitas vezes se colocam em posições opostas”, conclui a professora. Isso se comprovou quando analisamos os LDGs mais antigos, principalmente os da década de 1960 e 1970, onde encontramos as mesmas fotografias em obras diferentes, o que certamente reduzia o custo para a editora.

Via de regra, a escolha das fotografias dos LDs segue os parâmetros ditados pelo PNL D. Mas outros fatores também são relevantes para essa escolha, como a questão de valores de acesso (muito altos), e, frequentemente, a dificuldade na identificação do autor de algumas fotografias. Tudo isso faz com que, em algumas situações, as fotografias que tinham sido pensadas para o LDG acabem “sendo substituídas por outras, de menor qualidade. Com isso, é perdida a ideia original proposta pelo autor”, explica a professora Mafalda Francischett.

Existe um profissional que escolhe as imagens após as descrições feitas no texto do livro, segundo a professora Dadá Martins, e quando as suas próprias fotografias estão à disposição, já as adiciona no projeto do LDG. Com as máquinas digitais cada vez mais acessíveis e produzindo imagens de boa qualidade, as fotografias da cidade ou região onde o autor reside podem ser feitas por ele mesmo. E complementa a professora:

Se não, estas solicitações vão para um profissional e depois de selecionadas por ele, retornam a nós e fazemos uma leitura delas e aprovamos ou reprovamos. Este movimento tem muitas idas e vindas e depende de muitos fatores, entre eles a disponibilidade e comércio de fotografia, o valor, a qualidade técnica que possibilite a impressão com boa qualidade no livro em papel. Temos, em nossos livros, fotografias de profissionais brasileiros, estrangeiros, geógrafos, não geógrafos e fotos nossas, de amigos e parentes.

Interessante saber que, como foi visto em alguns LDGs mais antigos, existem editoras que, nos dias de hoje, aceitam fotografias do próprio autor (ou de seus amigos e parentes), para serem usadas nos LDGs. Mas o que é mais comum é os autores dos livros indicarem fotografias de referência e a editora adquirir – em um banco de imagens ou diretamente de um fotógrafo (brasileiro ou estrangeiro). Quase sempre é o autor que escolhe/sugere as fotografias do LD, mas alguns critérios devem ser observados, segundo a professora Vânia Vlach,

considerando os objetivos do texto/contexto e tentando sensibilizar o aluno para aprofundar a questão abordada. Por conseguinte, a procedência ou a nacionalidade dos fotógrafos não é o ponto. Importante é identificá-los, conferir-lhes os devidos créditos.

O professor Eustáquio de Sene relata que as fotografias são escolhidas por ele e que o critério é: “O melhor casamento com o texto além da estética, claro. Solicito as fotos à iconografia, responsável pela pesquisa, e vem de tudo, imagens de fotógrafos brasileiros e estrangeiros”. Para ele, outro critério que uma fotografia precisa ter para fazer parte de um LDG são fotografias quase sempre panorâmicas, de grandes planos, principalmente aquelas das áreas urbanas.

Durante a elaboração dos originais ou no processo de reformulação das obras, “os autores indicam ou solicitam à editora as fotos por meio da elaboração de uma pauta iconográfica, na qual são descritas em detalhes as características das fotos desejadas”, explica o professor Alvinho Alves. Mas nem sempre a fotografia adquirida em um banco de imagens consegue se encaixar perfeitamente no texto do LDG.

O professor Wenceslao Jr. relata que orientou pesquisas e realizou entrevistas com autores e pesquisadores de imagens para LDs, ficando claro que essa escolha depende de muitos aspectos:

Desde a relação do autor com a editora até os custos das imagens, passando pela disponibilidade de material em bancos de imagens, direitos autorais, garantias de credibilidade, gosto estético (do autor, dos professores que escolhem os livros etc.), datas das imagens, entre outros fatores. Além disso, há também nas imagens a “pressão” da vulgata dos currículos habituais da disciplina que, muitas vezes, “exige” a escolha de certas imagens e não outras.

Acreditamos que o critério mais importante na escolha de uma fotografia para o autor do LDG seja o da sua força didática, aquela que impacta visualmente o leitor, mas entendemos que o custo de cada fotografia no mercado também deve ser considerado. Uma forma de diminuir um pouco esse custo e agilizar o processo da escolha das fotografias foi sugerida pela professora Dadá Martins, que utiliza algumas fotografias suas ou de amigos e parentes para compor seus LDGs.

Outros critérios também devem ser levados em consideração, como os do PNLG, que restringem certas fotografias que expressem preconceitos, ou com conteúdo ofensivo, degradante e de publicidades. Mas o que parece mais importante é que as fotografias escolhidas pelos autores dos LDs, na maioria das vezes, são aquelas que irão tocar/sensibilizar o aluno, levando ao questionamento e à reflexão, facilitando assim o aprendizado dos temas abordados nos LDGs.

## **Como as fotografias do LDG poderiam ser mais bem exploradas na Geografia**

Existem muitas formas do professor explorar as fotografias presentes no LDG e torná-las mais eficientes no aprendizado de Geografia. Sobre isso, veremos como os professores estão trabalhando com esse recurso em sala de aula. O professor Fernando Sampaio explica como as utiliza em suas aulas de Geografia:

Uso as fotografias em forma de fichas com imagens coladas (sem legendas ou texto), onde peço aos alunos para descrever aquela fotografia e posteriormente analisá-la, ou fotografias de colagem em um cartaz contando uma narrativa relacionada a Geografia.

E o papel do professor neste momento? Para o professor Marlon Medeiros, “elas seriam melhor exploradas, quando houver uma melhor preparação do professor para trabalhar com estas fotografias”. E complementa:

Nos manuais do professor (da Editora SM) temos um encarte no final do livro, com orientações para o professor trabalhar com as imagens do LD (e também



textos complementares, sugestões de leituras etc.). Nos LDs dos alunos, a fotografia é explorada de várias formas, um exemplo é o LD (do 2<sup>o</sup> ano do Ensino Médio), onde no local das atividades (Interpretando Textos e Imagens) sempre existe uma foto para ser analisada. Também nas páginas de abertura de cada unidade é colocada uma fotografia maior, com questões específicas sobre esta foto, para o professor explorar em sala com os alunos.

A professora Dadá Martins esclarece que “elas são mais eficientes quando favorecem a leitura do tema, mas a leitura do manual do professor também poderia facilitar este uso. Em muitos manuais há orientação de uso da fotografia”. Mas o que possibilita mesmo esse uso é a forma como ela foi utilizada no texto, a intenção e a sua função no texto e também o trabalho do professor, que é primordial nesse processo. Para a professora:

A fotografia precisa fazer sentido, ser questionada. Em nossas coleções temos atividades que devem ser respondidas a partir da análise e comparação de fotos. Este processo pode levar o aluno – e se o professor adotar a atividade e até criar outras – a ser um leitor de imagens. Ter oportunidade de questionar a foto... fazer perguntas às fotos, duvidar, observar criticamente a fotografia.

Percebe-se que parte dos professores ainda não entendeu a verdadeira importância das fotografias em sala de aula. Sobre isso, a professora Dadá Martins nos conta sua experiência:

Lembro-me que quando eu morava em São Paulo e lecionava na escola pública daquele estado, fui me inscrever em um curso oferecido pelo Sesc sobre o uso da fotografias na sala de aula. Todo o trabalho foi feito com fotos do Sebastião Salgado. Recebemos todo o material com tais fotografias (até hoje eu as utilizo com os meus alunos). Foram oferecidas 750 vagas. Sabe quantos professores apareceram? 150. O curso era gratuito, com direito a todas as aulas aos sábados, durante um mês e meio...sabem quantos terminaram o curso? Somente umas 100 pessoas.

Isso demonstra que ainda é preciso investir em uma boa formação inicial e incentivar os professores a serem curiosos, questionadores, pesquisadores de novas metodologias e de novos recursos didáticos (como a fotografia), a buscarem uma formação continuada além daquelas que são oferecidas pelos órgão públicos.

A pesquisa sobre o uso da fotografia no ensino de Geografia pode ser feita em conjunto com os alunos, pois “o professor e o aluno devem entender que ali está inscrito um conhecimento, uma maneira de olhar o mundo”, segundo a professora Ivaine Tonini: “Juntos devem educar o olhar para tensionar o conhecimento”.

As fotografias do LDG poderiam ser mais bem exploradas no aprendizado “se fossem mais ligadas, interligadas com o conteúdo e com a realidade proposta”. É o que acredita a professora Mafalda Francischett. E também a professora Sonia Castellar: “As fotografias podem ser melhor utilizadas se estiverem

relacionadas com o texto, com o conteúdo. É fundamental ter essa articulação”; se ela não existir, a fotografia ficará solta e desprovida de sentido. É o que também acredita o professor Eustáquio de Sene: “As fotos precisam ser de boa qualidade, de um tamanho razoável e, sobretudo, devem estar bem integradas com o texto”. Para o professor Alvinho Alves, as legendas e os exercícios que incentivem a leitura das fotografias do LD possuem importante papel no aprendizado, pois

amplia-se a capacidade ou potencial de as fotos contribuírem para o aprendizado dos alunos, adotando-se em alguns casos e sempre que possível, legendas explicativas, situando-as próximas aos assuntos abordados no livro didático, fazendo-as acompanhar por exercícios sistemáticos de leitura e interpretação.

O mais importante seria apontar como a Geografia é fortemente marcada pela presença de fotografias, na elaboração de seus saberes. Para o professor Wenceslao Jr.:

Quanto a ser mais eficientes, caberia primeiro pensar a que tipo de eficiência, pois se é a eficiência de aprender o conteúdo que é pretendido, me parece que seria uma questão de escolha de fotos que mais sintonizem com o conteúdo escrito (sem gerar dispersões, por exemplo) e, ao mesmo tempo, fossem mais impactantes de modo a ser mais facilmente compreendidas pelos alunos.

Também é importante que exista um espaço no LDG a fim de se discutir e problematizar suas fotografias. Para o professor Wenceslao Jr. ,

seria muito interessante ter nos livros didáticos de Geografia (e no PNLDD) questões (momentos? quadros?) que visassem problematizar a própria presença e significados das fotografias nos livros didáticos, de modo a tornar explícita a participação das imagens na construção dos saberes geográficos e geográficos, simultaneamente imbricados.


Um exemplo de exercício em que o aluno deve fazer a análise da fotografia pode ser encontrado em alguns LDGs mais atuais, como nos livros dos professores Fernando Sampaio e Marlon Medeiros (no final de muitos capítulos, existe uma atividade com fotografia).

Nessa atividade (fotografia 1), o aluno deve descrever a fotografia e os elementos que mais lhe chamam a atenção e, baseado nela (aqui, habitações de Salvador-BA, Fotografia 1), citar alguns fatores responsáveis pela existência de favelas no Nordeste do Brasil. Essa atividade leva o aluno a refletir sobre os diferentes espaços de sua cidade, ele percebe que o espaço urbano não é homogêneo (bairros nobres e favelas podem estar um ao lado do outro) e que existem dinâmicas/interesses atuando nesses espaços o tempo todo, fomentando a exclusão e a injustiça social.

## Fotografia 1 – Atividade com análise da fotografia no LDG

**ATIVIDADES**

1. Como em outras regiões do Brasil, existem inúmeras favelas nas cidades nordestinas.
  - a) Descreva a imagem.
  - b) Que elementos mais chamam a atenção nessa fotografia?
  - c) Baseando-se na análise da imagem e nos conhecimentos adquiridos no capítulo, cite alguns fatores responsáveis pela existência de favelas na Região Nordeste.



Habitações em Salvador (BA), em 2011.

Fonte: *Geografia*, Ensino Fundamental, 7º ano, 2014.

Concordamos que as fotografias podem e devem ser exploradas de maneira mais eficiente, no ambiente escolar. Atividades como estas do LDG e outras que o professor pode criar com os alunos dinamizam as aulas e facilitam o aprendizado do conteúdo.

Mas é importante primeiro uma boa preparação do professor para poder trabalhar com tal recurso. Muitos professores de Geografia vislumbraram esse potencial e estão utilizando as fotografias do LDG (e também as da Internet), como um valioso recurso didático nas suas aulas. Mas é importante que essas fotografias instiguem a curiosidade, a dúvida, o olhar crítico do aluno e principalmente a reflexão. Portanto, é necessário que o aluno aprenda a ler/compreender essas fotografias, sempre com o auxílio do professor.

Mas o professor não deve contar/mostrar tudo o que sabe. Conforme Costella (2013), ele não dá de presente a aula, mas permite a reflexão e esta não é meramente passada ou cedida, ela vem pela conquista, e tudo o que se conquista deixa marcas que serão utilizadas em outras situações propostas. O professor deve aproveitar fatos que acontecem em sua vida, coisas que vê ou lê para transformar em desafios aos alunos. “O professor deve ser criativo, observador e humilde. A humildade o retira de um pedestal e o coloca próximo ao seu aluno, próximo à aprendizagem” (COSTELLA, 2013, p. 74). E quando o professor compreender com segurança como acontece a construção do conhecimento, no processo de aprendizagem (na teoria e na prática), ele poderá ser considerado um bom professor.

## Como a fotografia no LDG pode estimular o aluno a uma leitura reflexiva

A fotografia no LDG pode estimular o aluno a uma leitura reflexiva da realidade apresentada naquela imagem? Ou ela teria outra função? Sobre isso o professor Fernando Sampaio acredita que “o mais importante é que os alunos já tenham desenvolvido o espírito crítico/reflexivo e o professor também. Somente a fotografia por si mesma não tem o poder de despertar esse espírito reflexivo”. Já para o professor Marlon Medeiros, a fotografia pode sensibilizar o aluno e levá-lo à reflexão do tema ali retratado, principalmente quando a fotografia trata de aspectos sociais. E cita um exemplo:

Uma foto de uma favela, de um conflito ou de uma área com infraestrutura precária pode fazer o aluno – principalmente o de classe social mais alta – refletir sobre tudo aquilo. Não é garantia que reflita, mas o documento abre esta possibilidade, basta o professor saber explorar adequadamente o assunto.

No mundo contemporâneo, as informações visuais, além de estarem presentes nos LD's, também são facilmente encontradas na internet. Então não seria conveniente utilizarmos fotografias mais impactantes nas nossas aulas, para levar os alunos a refletirem sobre esses fenômenos ou lugares, ao invés de somente se informarem sobre eles? Martinelli (1991) corrobora que as representações gráficas são usualmente utilizadas por geógrafos como meras ilustrações, enquanto “deveriam se colocar na condição de revelar o conteúdo da informação, o qual orientaria o discurso científico, permitindo ao leitor uma reflexão crítica sobre o assunto” (p. 78).

O *Guia do Livro Didático (PNLD 2008)* recomendava que os exercícios e atividades dos LD's promovessem as múltiplas competências:

As atividades e exercícios visam promover habilidades, atitudes e competências cognitivas relativas ao saber geográfico e à formação da cidadania, em variadas situações didáticas que exploram trabalhos em campo, filmes, *sites*, livros, propagandas, fotos, desenhos, esquemas, gráficos, tabelas e mapas (p. 49).

Sempre ouvimos que “uma imagem vale mais do que mil palavras”<sup>1</sup>, mas alguns pesquisadores da História ainda veem pinturas, esculturas, fotografias e demais artefatos imagéticos com ressalvas, como se houvesse pouca credibilidade naquilo que não fosse escrito ou impresso. No entanto, imagens podem ser tão confiáveis quanto os textos escritos, por isso a importância do

1 A frase é atribuída ao jornalista e escritor alemão Kurt Tucholsky (1890-1935).

uso de imagens como evidência na construção do saber histórico, defende o historiador Peter Burke<sup>2</sup> (2017).

A imagem fotográfica pode sim ser um diferenciador na compreensão de determinado tema, em especial aqueles de que o aluno ainda não está inteirado. Mas isso depende do estímulo com que for feito, se ele somente vir a fotografia e não for provocado, estimulado ou mesmo orientado a questionar, ele vai somente consumir ou assistir passivamente à fotografia. Para a professora Dadá Martins, é preciso antes educar o aluno para a leitura da fotografia. A professora questiona: “Será que nós professores tivemos acesso a essa educação crítica”? Para ela,

a sociedade da imagem fotográfica, da televisão, do computador tem uma oferta enorme de imagens, e nem por isto esta imagem é garantia de criticidade [...] O que pode fazer da fotografia uma transformadora do ensino de Geografia não é a foto em si, mas sim o uso que se faz dela. E este uso pode ser feito para tudo, inclusive para facilitar a memorização e fortalecer o caráter conservador de práticas mnemônicas de ensino de Geografia. Mas também pode ser utilizado para a criticidade.

Em um mundo onde somos bombardeados diariamente por imagens, elas também estão no ambiente escolar. O sujeito escolar contemporâneo é produzido no visual, chega à escola com esse modo de ser, toda a sua vivência está carregada por essas marcas, acredita a professora Ivaine Tonini. Assim, “a escola deve dar esta continuidade em suas práticas. No entanto, o que ocorre é que as práticas percebem a fotografia como mero recurso ilustrativo”. Superar isso e buscar novos significados para a fotografia é tarefa dos professores. Sobre tal questão, a professora Sonia Castellar esclarece que “a fotografia pode representar um momento da realidade e dependendo do contexto pode contribuir para uma análise mais reflexiva. Depende muito da capacidade do professor fazer as articulações necessárias”.

É também o que acredita o professor Eustáquio de Sene. Para ele, a fotografia, quando trabalhada com o professor em sala de aula, pode sim estimular uma leitura reflexiva da realidade, mas, “ao mesmo tempo, o professor deve problematizar as fotos com os alunos, porque uma fotografia sempre representa uma faceta da realidade, não ‘a’ realidade”.

O professor Alvinho também concorda que o papel do professor é fundamental no trabalho com fotos nas aulas de Geografia, mas no LDG elas têm funções diversas. Para ele,

cada fotografia é um caso, ou seja, a depender do assunto abordado no livro e retratado na foto, esse recurso poderá cumprir várias funções (informação,

---

2 Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/peter-burke-ressalta-a-importancia-do-uso-de-imagens-como-evidencia-na-construcao-do-saber-historico>. Acesso em: 21 out. 2017.

explicação, leitura crítica/reflexiva da realidade, científica, estética, denúncia etc.), a depender ainda do trabalho realizado pelo professor em sala de aula em relação à leitura e interpretação das imagens junto aos alunos.

O professor Wenceslao Jr. concorda, mas questiona: “O que seria uma leitura reflexiva da realidade?” E complementa:

Penso que a reflexão mais contundente se daria, se e quando, um professor pensa junto com os alunos, quais os signos da linguagem fotográfica que foram utilizados para que aquela foto nos dê a “sensação de real”, de modo que esses alunos possam estabelecer a reflexão dos próprios signos (fazer a reflexão seria, então, tanto problematizar o que está sendo visto quanto fazer uso desses mesmos signos para expressar outras coisas).

Também concordamos que a fotografia por si só não tem o poder de despertar o espírito reflexivo ou crítico do aluno, mas quando bem explorada e contextualizada pelo professor, pode levar o aluno a refletir mais profundamente sobre os problemas do nosso mundo e progressivamente buscar transformá-lo para melhor. Aquilo que preconizava Milton Santos (1998). Para ele,

a Educação não tem como objetivo real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo (p. 126).

Além de todos esses recursos didáticos baseados na linguagem visual, acreditamos que a função do professor é essencial para que o aluno possa aprender Geografia e entender seu papel no mundo atual. Para Theves (2018), “o professor assume o papel de criar um ambiente pedagógico em que, levando em consideração o contexto social do grupo e seus conhecimentos já construídos, alavanca propostas didáticas buscando ampliar as ações e as aprendizagens dos alunos” (p. 93).

E, segundo Kaercher (2014), “a Geografia aqui é matéria-prima, pretexto para, a partir de seus conteúdos e conceitos, refletirmos a existência e nossa ação no mundo” (p. 40). Para o autor, a Geografia e seu conteúdo são pretextos para a discussão coletiva sobre o afeto/desejo que envolvem a relação não só com a disciplina Geografia, mas, sobretudo, com os alunos.

Para um melhor entendimento, organizamos e sintetizamos as respostas que obtivemos em nossos questionários feitos com os autores, pareceristas e pesquisadores do LDG (Quadro 1).

**Quadro 1** – Síntese do questionário feito com os autores e especialistas do LDG

Perguntas	Síntese das Respostas
Você acredita que as fotografias no LDG facilitam o aprendizado do aluno?	Os professores acreditam que elas facilitam o aprendizado do aluno. Principalmente quando utilizadas como elemento provocador de questionamentos de algum aspecto, fenômeno ou local específico.
Como são escolhidas as fotografias do LDG? Existe algum critério para essa escolha? Quem escolhe quais fotos farão parte do livro? São de fotógrafos brasileiros ou estrangeiros?	Para eles são muitos os critérios na escolha das fotografias dos LDGs: força didática e estética ou o custo da fotografia. Apontam ainda que o autor pode sugerir as fotos que farão parte do LD, mas existem restrições do PNLG para determinadas imagens. As fotografias são adquiridas em bancos de imagens estrangeiros ou brasileiros (em alguns casos, feitas pelos próprios autores).
No seu entendimento, como as fotografias presentes no LDG poderiam ser mais eficientes para o aprendizado de Geografia?	Os professores concordam que elas devem ser exploradas com mais eficiência na escola, mas com uma boa preparação do professor, para poder trabalhar com essa ferramenta. Muitos deles já vislumbraram tal potencial e passaram a utilizá-las como valioso recurso didático em suas aulas de Geografia.  Mas é importante que as fotografias instiguem, despertem a curiosidade e a dúvida do aluno.
As fotografias no LDG são meras ilustrações, descansos visuais ou elas podem estimular uma leitura reflexiva ou questionamentos por parte do aluno? Se sim, como?	Os professores acreditam que, dependendo do contexto, elas podem contribuir para uma análise mais reflexiva. Mas temos que atentar, pois a fotografia, por si só, não tem o poder de despertar o espírito reflexivo do aluno. No entanto, quando bem explorada e contextualizada pelo professor, pode levar o aluno à reflexão sobre questões da Geografia.

Fonte: Freisleben, 2015 (a partir dos questionários).

## Considerações

Podemos constatar por meio das respostas do questionário que, apesar de o texto ainda ser o “carro chefe” dos LDGs, a fotografia (junto com as outras formas de ilustração) cada vez mais vem crescendo em importância, pois ela contextualiza a temática trabalhada nas aulas de Geografia, tornando o aprendizado mais agradável e efetivo.

Assim, o LD é, sem dúvida, um subsídio de grande relevância no processo de ensino-aprendizagem, como também uma ferramenta indispensável para a construção do conhecimento em sala de aula, cabendo aos professores percebê-lo como um instrumento auxiliar, buscando novas fontes de informação que contemplem os conteúdos abordados, como também diferentes formas de linguagem (como a visual), pois elas dinamizam as aulas e permitem maior aprofundamento dos temas estudados.

Muitos professores (e também a escola) ainda se baseiam na lógica do mundo verbal, ou seja, a palavra como instrumento de explicação do conteúdo. Porém, os alunos em seu cotidiano estão mais diretamente conectados a um mundo (virtual, por meio da internet) onde a linguagem que predomina em grande parte do tempo é a visual (não verbal), que auxilia o processo de aprendizagem e interação social. Portanto, faz-se necessário que os professores e a escola/universidade se apropriem dessa linguagem.

O professor comprometido com um conceito ampliado de educação deve deixar de lado práticas restritas à exposição oral, leitura do LD e memorização, e procurar novas metodologias e linguagens para oportunizar a aprendizagem por diferentes olhares. Uma linguagem em que a produção dos saberes aconteça por meio das provocações que as fotografias (como aquelas presentes no LDG) despertam, num dialogismo entre os saberes cotidianos trazidos pelos alunos e o conhecimento científico e sistematizado vindo do professor.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Alvino et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.

BELMIRO, Celia A. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 72, p. 11-31, ago. 2000.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.

BONDÍA, Jorge L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, ANPED, n. 19, p. 22-39, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: [http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf). Acesso em: 14 maio de 2018.

BURKE, Peter. **Peter Burke ressalta a importância do uso de imagens como evidência na construção do saber histórico**. Editora UNESP, 2017, p. 1-8. Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/blog/peter-burke-ressalta-a-importancia-do-uso-de-imagens-como-evidencia-na-construcao-do-saber-historico>>. Acesso em: 21 out. 2017.

CASTELLAR, Sonia M. V. et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015 .



COSTELLA, Roselane Z. Movimentos para (não) dar aulas de Geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; TONINI, Ivaine M.; KAERCHER, Nestor A. (Orgs.). **Movimentos no ensinar geografia**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

FRANCISCHETT, Mafalda N. et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015 .

FREISLEBEN, Alcimar P. **Fotografias que revelam o espaço urbano nos livros didáticos de Geografia**. 2018. 152 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Posgea, Ufrgs: Porto Alegre, 2018.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2006.

KAERCHER, Nestor A. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LIMA, Gabriela R. C. P. **O tesouro dos mapas: a cartografia dos livros didáticos de geografia do ensino fundamental**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ensino e História de Ciências da Terra) – Instituto de Geociências, Campinas, Unicamp, 2007.

MARTINELLI, Marcello. **Curso de Geografia Temática**. São Paulo: Contexto, 1991.

MARTINS, Dadá (Maria Adailza Martins de Albuquerque) et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.

MEDEIROS, Marlon C. et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia do livro didático: PNLD 2005**, Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia do livro didático: PNLD 2008**, Geografia – Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2008.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.

SAMPAIO, Fernando dos S. et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015 .

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 4 ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SENE, Eustáquio de et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.

THEVES, Denise W. **Pelos labirintos da docência com os fios de Ariadne: Geografia e existência que (trans)formam a mim e meus alunos**. 2018. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Posgea, Ufrgs, Porto Alegre, 2018.

TONINI, Ivaine M. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia. In: **Mercator**, Fortaleza, UFC, ano 2, n. 4, 2003, p. 35-44.

TONINI, Ivaine M. Movimentando-se pela web 2.0 para ensinar Geografia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio C.; KAERCHER, Nestor A.; TONINI, Ivaine M. **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Compasso Lugar-cultura/ Imprensa Livre, 2013.

TONINI, Ivaine M.; GOULART, Lígia, B. Desafios para potencializar o Livro Didático de Geografia. In: TONINI, Ivaine M. et al (Org.). **O Livro Didático de Geografia e os desafios da docência para aprendizagem**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

TONINI, Ivaine M. et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.

VEIGA-NETO, Alfredo. De internet, cibercultura e inteligências. **Episteme**, Porto Alegre, Ufrgs, p. 1-6, 1999.

VLACH, Vânia. O ensino de geografia no Brasil: uma perspectiva histórica. In: VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004.

VLACH, Vânia et al. **Questionários enviados por email**. Francisco Beltrão/PR, mar./nov. 2015.